Rousseau: A Concepção de “corpo” na obra “Emílio ou da Educação”.

Ferreira; André Lima[1]. andre.lima.ferreira@uel.br. UEL.

Linha de estudo: Linha 3.

Forma de Apresentação

(x) Comunicação Oral

( ) Poster

Resumo

Introdução:A presente pesquisa é parte de um trabalho de Conclusão de Curso que teve como tema, o estudo e a análise radical e de conjunto, da obra intitulada: O Emílio, do filósofo e educador genebrino Jean Jacques Rousseau. Emílio, ou da Educação. Trata-se de uma obra inserida no campo educacional e filosófico, que aborda: a natureza do homem; questões sobre educação da criança, especificamente, do menino; e, no contexto corpóreo. Objetivo:O objetivo foi analisar qual é a concepção de corpo/homem na obra Emílio, de Jean Jacques Rousseau. Metodologia: Pela característica do objeto em questão a presente pesquisa em Educação Física, articulada com a Educação, de cunho qualitativo, se viabilizou-se por meio de um estudo exploratório aliado ao levantamento bibliográfico, utilizado Lakatos e Marconi e analisando de modo radical e rigoroso sobre a temática: “Concepção de Corpo”. Resultados e Discussões: Conclui-se que a concepção de corpo/homem de Rousseau é dualista cartesiana, porque ele dividiu o homem em corpo e razão, homem e cidadão, para ele a importância maior era o intelecto do que corpo, por ter influência de Locke e Descartes. Conclusão: Todavia, Rousseau teve grande importância na Educação e na Educação Física, porque foi um dos pensadores preocupados com a educação do físico, com o corpo, além disso seus estudos foram utilizados em alguns métodos gímnicos como Herbert. Rousseau apresenta uma concepção de corpo e de homem de acordo com o seu tempo, época em que vivia. Ele defendeu em sua obra Emílio a educação integral, do corpo e da alma. Para o corpo a Ginástica, e, para a razão, a educação musical. Porém, a sua defesa e narrativa, no decorrer da obra, foi se modificando. Mas, mesmo assim, percebeu-se as fragmentações, entre homem e cidadão, corpo e alma, natureza e cultura e este trabalho foi feito em conjunto com a co-autoria da minha orientadora Ana Maria Pereira da Universidade Estadual de Londrina.

Palavras-chave: Rousseau; Emílio; Corpo

[1] André Lima Ferreira; andre.lima.ferreira@uel.br ; Universidade Estadual de Londrina

Introdução

O estudo em questão investigou qual é a concepção de corpo/homem que Rousseau descreveu em sua obra Emílio.

Segundo Goellner (1997) existe no âmbito da educação um debate sobre estudos históricos de como era o corpo do homem no Século XVIII, época em que foi produzida a obra Emílio. As pesquisas demonstraram que Rousseau sofreu influências do racionalismo cartesiano e do educador John Locke. “Então, ele em sua obra valorizou o sensível /o corpo, porque este estava a serviço do inteligível/a mente". (Pereira, 2007).

A história nos mostrou que no passado Rousseau exerceu influência na construção da Educação Física, pois os idealizadores dos Métodos Ginásticos se inspiraram nele, nomeadamente, o francês Herbert, que elaborou o seu método Ginástico, resgatando os movimentos naturais do homem primitivo.

A área da Educação Física carece de estudos filosóficos e históricos sobre o corpo. Segundo Melo (1997) é relevante o argumento que os discentes da Educação Física, geralmente não têm identificações em relação a disciplinas de ciências humanas e sim relações com a ciências exatas e também biológicas. Segundo o autor:

> Os estudos históricos terão uma possibilidade maior de contribuir efetivamente com a Educação Física brasileira, permitindo interpretações de seus processos e caminhos no decorrer do tempo, lançando luz nas discussões contemporâneas, e, diriam alguns, até mesmo contribuindo na perspectiva do futuro. Mas isso de forma alguma significa que a História se presta a conceder lições de moral, a buscar herois ou bandidos ou a programar o futuro e se constituir em uma verdade absoluta/inquestionável (Melo, 1997, p. 60).

A problemática central dessa pesquisa investigou, de modo rigoroso e de conjunto, qual é a concepção de corpo, na obra Emílio, ou da Educação de Jean Jacques Rousseau?

Para responder ao problema, analisei qual é a concepção de corpo/homem na obra Emílio, de Jean Jacques Rousseau, que é dualista na época, diferentemente que a Educação Física hoje defende a questão da corporeidade em que não há divisão do corpo e nem da mente, hoje o humano e ser uno, em que corpo e mente estão juntos.

Irei abordar os principais aspectos na obra Emílio ou da Educação a seguir, há divisão do homem corpo, estado natural que é principal conceito de Rousseau, e até mesmo a importância do trabalho manual na obra.

Metodologia

Pela característica do objeto em questão a presente pesquisa em Educação Física, articulada com a Educação, de cunho qualitativo, se viabilizou por meio de um estudo exploratório aliado ao levantamento bibliográfico, analisou o objeto de estudo de modo radical e rigoroso sobre a temática: “Concepção de Corpo”.

O presente estudo se ocupou em sua maioria da obra original “Emílio ou da Educação", de Jean Jacques Rousseau. Utilizou como complemento artigos científicos, dissertações e teses, que abordam os estudos de Rousseau, especificamente, o conceito de corpo, e o conceito de sensível.

O “Emílio ou da Educação" de Rousseau foi publicado em 1762. Utilizamos também artigos científicos, dissertações e teses da temática em questão, sendo estas pesquisas dos anos de 1980 até os dias atuais.

Para responder ao problema e aos objetivos traçados foi necessário a técnica de estudo exploratório da obra Emílio de Jean Jacques Rousseau, aliada a pesquisa bibliográfica com cunho qualitativo, que segundo Lakatos e Marconi, (2003), abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo.

Resultados e Discussão

A Concepção de Homem e Concepção de “Corpo” em Rousseau

O Homem da Natureza

Aborda-se a concepção de homem e a concepção de corpo presentes na obra Emílio de Jean Jacques Rousseau. Lembrando que as concepções de homem e de corpo estão conectados um ao outro. Então, tratar de homem, trata de corpo.

O homem de Rousseau é o homem da natureza, ou seja, ele como um ser puro em seu estado original, como ele nasceu sem corrupção da sociedade. Todavia, “o homem da natureza não quer dizer um selvagem, ou

seja, um primitivo, mas ser um homem do ambiente social e culto. Este homem tem que ter suas próprias ideias e que não seja corrompido pela sociedade, e que tenha a sua moral e seus valores" (Rousseau, 1995, p.286, *apud,* Paiva, 2005, p. 5).

Este aspecto de homem natural na obra de Rousseau, é um homem que habita na natureza, seria no campo e não em sociedade, porque ele ainda não foi corrompido pela sociedade e ele se desenvolve sua parte intelectual, e corporal na natureza, há aspectos na obra Emílio, que esse desenvolvimento ocorre separadamente.

O Homem e o Cidadão

Ainda segundo Paiva, Rousseau explica que é preciso escolher, entre fazer um homem e um cidadão, porque não tem como fazer os dois ao mesmo tempo. Observamos logo nas primeiras leituras que o pensador em questão separou o homem do cidadão, ou seja, ele é dualista em sua percepção. Para ele o homem é criado antes, depois é o cidadão, com isso, ele não concebe um Ser que é ao mesmo tempo homem e cidadão, e sim é precisa ser criado separadamente, para depois virar o homem civil, segundo Paiva (2005), para Rousseau "é preciso optar entre fazer um homem ou um cidadão, pois, não podem fazer os dois ao mesmo tempo".

O Homem e o Cidadão na Unidade Grega

Na obra Emílio, que é um tratado da educação, Rousseau, defendeu a formação do homem total que é um novo homem, está formação do homem foi baseada no termo *paideia* (usado a partir do século V a.C.), no cultivo da alma e do corpo, princípio da educação Ateniense. As reflexões filosóficas educacionais do Emílio podem ter sido inspiradas na obra de Platão em A República (Paiva, 2005).

Para Rousseau o homem precisava descobrir qual era sua origem, de onde vinha a sua felicidade, Rousseau afirma que o estado de felicidade está ligado completamente à sua natureza, ou seja, como ele é como indivíduo, mesmo estando em estado social, entre seus semelhantes, na sociedade. Para Rousseau o homem que está ligado ou foi educado na natureza é mais feliz.

O Humano Dividido em Corpo e Alma

No estado de natureza, Rousseau afirmou que o homem tinha uma vida essencialmente animal, porque quando viveu na floresta desenvolveu sua agilidade e sua força. O autor afirma que haviam doenças que passaram a surgir logo que o homem iniciou uma vida que fosse civilizada. Rousseau defendeu que "o homem é bom por natureza, ou seja, ele nasceu assim e é a sociedade que o corrompe" (Rousseau, 1995, p. 263).

> Já o selvagem é diferente, ele não está preso em nenhum lugar não vai ter tarefa que seja prescrita, não obedece ninguém, ele o selvagem faz o que quer, e, raciocina o tempo todo, nas suas ações de vida, ou seja, não faz nenhum movimento, não irá dar um passo sem antes perceber o que fazer, porque assim quanto mais seu corpo se exercita, mais seu espírito se iluminará, sua força e sua razão crescem juntas e se ampliam uma pela outra (Rousseau, 1995, p. 112, *apud,* Paiva, 2005, p. 27).

Observa-se a expressão: "quanto mais seu corpo se exercita, mais seu espírito se iluminará". Aqui temos uma evidência dualista e racionalista, primeiro a divisão, depois coloca o corpo ao serviço do espírito. Aqui se aproxima de Platão, corpo instrumento de alma. Porém, ao conceber "força/corporal e sua razão/inteligência crescem juntas e se ampliam uma pela outra. A temos uma tendência à unidade do humano.

A força e sua razão crescem juntas e se ampliam uma pela outra. Nessa expressão há indícios de unidade humana, de totalidade, de união entre corpo e alma. São diferentes, mas se completam.

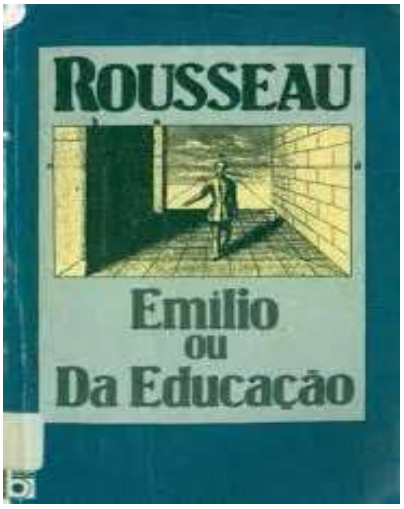
Rousseau tinha um pensamento dualista, estava coerente com sua época. Tinha influência de (Platão) "corpo é templo da alma", e também de Descartes, "eu sou, eu existo". Nota-se, o pensamento dualista de Rousseau pois:

> Coloca-se aí o dualismo corpo-alma, era porque a educação do corpo estava em função da educação da alma: Cultivai a inteligência de vossos alunos, mas cultivai, antes de tudo, seu físico porque é ele que vai orientar o desenvolvimento intelectual; fazei primeiro vosso aluno são e forte para podê-lo ver inteligente e sadio (Rousseau, 1995, p. 83. *apud;* Goellner, 1997).

Rousseau foi influenciado por Platão e por Descartes, e tinha tendência em dividir corpo e alma, o homem em partes.

Um aspecto importante sobre o livro de Rousseau que merece ser relatado é o desenho da capa, da obra: Emílio ou da Educação, da edição de 1995, da editora Bertrand. Obra utilizada como uma das principais fontes deste trabalho. Algo interessante sobre essa edição é a capa com a fragmentação do humano em partes, o que confirma a nossa defesa nesse trabalho de sua concepção dualista racionalista. A capa revela a divisão do indivíduo, a fragmentação do Ser Humano. A letra "d" representa o intelecto, a letra "b" é o ambiente, no caso a natureza, a letra "c" é o sentidos do indivíduo, e letra "a" é o corpo.

Figura 1: Capa do Livro da Editora Bertrand de 1995.

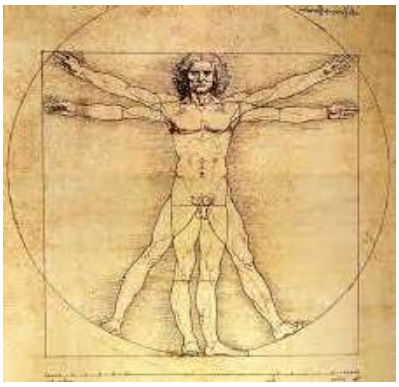


(Rousseau, 1995). Emílio ou da Educação

A Capa de Rousseau lembra o racionalismo presente na famosa figura do homem vitruviano de Leonardo da Vinci[2], que alia beleza corporal com esquadrinhamento matemático.

[2]Homem Vitruviano é um desenho feito por Leonardo da Vinci que tem como representação, o corpo humano perfeito por do contexto na obra "De Architectura" do arquiteto romano Marcus Vitruvius Pollio, a ilustração representa o ideal de beleza e a harmonia e referência nas proporções. (Rosa; 2019).

Figura 2: Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci



(Rosa, 2019).

Rousseau defendia que o homem precisava ser adaptado à natureza para ser robusto e forte, porque para ele a fraqueza do homem não estava no seu lado natural e sim no social, porque destas relações o homem passa a ser sedentário pelo fato de ao invés de caçar ou a pescar, compram prontos ou usam anzol.

Jean Jacques Rousseau ainda cita Shakespeare quando diz “ser ou não ser social eis a questão” (Shakespeare, 2001, p. 56, *apud;* Paiva, 2005, p. 38), porque nos primórdios o homem não precisava de ninguém para auxiliá-lo, quando agora o homem precisava ser social, pois, precisava dos seus semelhantes.

No período em que foi escrita a obra Emílio o homem natural foi deixando de existir, e passando a ser um homem social. Rousseau levantou e insistiu na questão de que o homem não tinha que ser social e sim natural.

Rousseau classificou o homem em 03 tipos: O primeiro é o primitivo: “pré-racional e isolado”, o segundo é o europeu de sua época, “o burguês”, e por fim, o terceiro é o “homem do futuro”, no caso o atual homem social e autêntico, que surgiu, segundo ele, do processo formativo sugerido na obra Emílio. Essa autenticidade, o atual homem social e autêntico, para Derathé (1966-68), surgiu nos primórdios porque englobou o movimento por toda a natureza. “Natureza essa que palpitava dentro de casa, ser humano como íntimo de sentimento em sua vida segundo Rousseau” *(apud;* Chauí, 1987, p. 15).

O Homem Sensível

Ligado a essa natureza, Rousseau ainda aborda do homem físico que segundo ele, “suas necessidades eram facilmente satisfeitas, foi capaz de adquirir todos os instintos animais, tinha temperamento robusto, reforçado pela seleção natural e tem consciência de sua força” (Rousseau, *apud*; Arbousse-Bastide, 1999, p. 15).

Ele também apresenta o homem natural, que é:

> O homem possui em comum com os animais, sentidos em que provém as ideias, por meio delas ele percebe e sente. As faculdades intelectuais superiores nascem das faculdades inferiores, a razão é posta em relação às paixões, que por sua vez são suscitadas, em, estas faculdades ele se refere a alma e corpo respectivamente (Rousseau, *apud;* Arbousse-Bastide, 1999, p. 15).

Então, desde a Antiguidade grega de Platão até a Modernidade de Descartes a alma tem essa função superior, sendo que o corpo ficou numa posição inferior. E essa divisão gerou um problema para a Educação Física, problema de ordem epistemológico, somos aqueles que educamos físicos inclusive, de ordem social, porque o trabalho físico é desvalorizado na nossa sociedade.

Nota-se que é um grande problema essa divisão, porque durante a graduação no curso de Educação Física, até hoje em salas de aulas fora do ensino superior ou seja, na Educação Básica, ocorre essa divisão, de só educarmos o corpo e não, a alma e corpo, ou seja, a corporeidade, isso ocorre porque até os dias atuais a Educação Física não superou ao dualismo, e essa divisão está presente, o próprio nome da profissão já é dual e as aulas centram no físico tão só com muitos docentes tecnicistas, que não faz o estudante ter um momento de reflexão, e o correto é que se deve ter em mente é que um interagem-se com o outro, o corpo e alma.

Com isso, a motricidade humana segundo Manuel Sérgio, oferece um grande contributo, pois tem o Ser humano como inteiro e totalidade, em que o movimento se baseia na atitude intencional que visa a transcendência, permitindo um ser livre e autônomo em sua formação, ou seja, o indivíduo em sua totalidade.

O Corpo da Criança

Em relação ao corpo, Rousseau aborda sobre as ataduras, ou enfaixamentos, hábito de sua época, utilizado nas crianças. As mães usavam constantemente esse tipo de prática, para enfaixar as crianças da cabeça aos pés. Ele aborda que em países mais desenvolvidos isto não ocorria, porque os homens eram fortes e robustos.

Em sua visão eurocêntrica Rousseau investigava que as crianças que usavam ataduras, elas tinham um corpo mais atrofiado e, também, dificuldades em seus movimentos. Ele afirma ainda que muitas vezes até deixava a criança “paralítica", no caso seus membros. “Há portanto, que se praticar uma educação que tenha em presente uma maior liberdade ao corpo; liberdade essa, advinda da prática de exercícios físicos”. (Goellner, 1997, p. 7). Então, infere-se que com os exercícios físicos a criança poderia desenvolver se.

Rousseau, defendia que os exercícios físicos eram para desenvolver a criança e não com cunho médico, porque ele não gostava da medicina, somente pensava sobre a medicina como último caso para a criança, "para Rousseau, a única parte útil da medicina é a higiene; e a higiene é menos uma ciência que uma virtude" (Rousseau, 1995, p. 33*; apud,* Goellner, 1997, p. 7).

Para Rousseau havia limites na educação corporal. Conforme encontramos no livro Emílio, essa educação não era uma prática de exercícios que tivesse liberdade e sim limites. Na citação abaixo isso fica bem claro:

> É preciso que o corpo tenha vigor para obedecer à alma: um bom servidor deve ser robusto. Sei que a intemperança excita as paixões; mas, com a continuação, também extenua o corpo; as macerações, os jejuns, produzem muitas vezes o mesmo efeito através de uma coisa oposta. Quanto mais fraco é o corpo, mais ele comenda; quanto mais forte ele é, mais obedece (Rousseau, 1995, p. 58; *apud,* Goellner, 1997, p. 8).

Importância do Trabalho Manual para o Corpo

Rousseau ao pensar em Emílio, o fez praticando um trabalho de marceneiro[3], uma vez que esta iria estar se movimentando e exercitando sua força corporal.

O trabalho manual, também estava ligado a educação musical, porque Rousseau aborda um conceito de Platão, música para alma e trabalho manual para o corpo, porque;

> Até mesmo sua profissão não é qualquer tipo de formação, pois o ofício de marceneiro requer inteligência, e criatividade na produção dos artefatos que agregam o refinamento estético e a utilidade. Não podemos esquecer também que a educação musical de Emílio foi bem mais intensa do que Rousseau descreve no livro III. (Paiva, 2006, p. 252).

No livro III de Emílio ou Da Educação de Rousseau, o Emílio já atingiu a idade da razão, nesta etapa da obra, sua criança, já atingiu a idade de 12-15 anos de idade. Após esta etapa Rousseau evolui para formas mais abstratas, a educação mental, pois o seu corpo foi desenvolvido quando era mais jovem. Agora, Rousseau se volta para o desenvolvimento da educação mental. Observa-se que o corpo e os sentidos devem estar a serviço do intelectual e do mental, por isso, a conclusão de aproximações com um dualismo racional, ou seja, o uso do corpo para auxiliar a razão.

Nessa etapa Rousseau quer que Emílio desenvolva um trabalho manual, ou seja, artesão ou jardineiro, porque era importante desenvolver a sua força. Ao fazer este tipo de trabalho também envolve a mente:

> A dimensão da educação mental, o que deverá ajudar o educando a desenvolver-se cada vez mais física e mentalmente, seja aprendendo algum ofício manual, seja aprendendo a refletir sobre questões intelectuais, sociais e morais, desde que não se perca o fio condutor da utilidade (Batista, 2006, p. 4).

Rousseau defende que falta desenvolver no Emílio, o intelecto, pois não somente sua força, “Suas necessidades não estão todas desenvolvidas, suas forças, no presente, são mais do que suficientes para provê-las, como homem seria muito fraco, já como menino é muito forte” (Rousseau, 1995, p. 172).

[3]“A importância do trabalho de marceneiro é; Se até aqui me fiz entender, deve-se compreender como, com o hábito do exercício do corpo e do trabalho manual, dou imperceptivelmente ao meu aluno o gosto pela reflexão e pela meditação, para contrabalançar a preguiça que resultaria de sua indiferença pelos juízos dos homens e da calma de suas paixões. É preciso que ele trabalhe como um camponês e pense como filósofo, para não ser tão vagabundo como um selvagem. O grande segredo da educação é fazer com que os exercícios do corpo e os do espírito sirvam sempre de descanso uns para os outros” (Rousseau, 1995, p.274, *apud,* Vargas, 2016, p. 126).

Infere-se que para Rousseau o corpo já estava quase desenvolvido, nesta idade de 12-15 anos era o término do desenvolvimento corpóreo, e início do intelecto.

"Emilio aprende a agricultura, ele a conhece. Todos os trabalhos do campo, lhe são familiares; foi por eles que começou, e a eles é que volta sem cessar". (Rousseau, 1995, p. 215). O que Rousseau quer dizer é que mesmo se perder a herança familiar do campo, Emílio aprenderá pelo menos um ofício, o trabalho manual.

Rousseau também aborda o artesanato com um desempenho fundamental na formação do caráter de Emílio, sendo que esta prática ajuda em desenvolvimento de habilidades manipulativas além de promover a disciplina e paciência do indivíduo, com isso, Rousseau acreditava em uma conexão de Emílio com a realidade e natureza, por isso, " um ofício para meu filho! meu filho artesão!" (Rousseau, 1995, p.215). O artesanato além de ser feito manual pelo o indivíduo, propicia um desenvolvimento de senso crítico e cultural, que irão ser fatores que contribuíram para o surgimento das universidades da época.

> A disciplinarização dos corpos se fazia premente em função do 'mundo do trabalho', que passava a exigir do indivíduo uma redefinição de sua própria vida como hábitos, valores, crenças, e outros, uma vez que o capitalismo e a consequente exaltação ao trabalho não encontrou o trabalhador feito; teve de formá-lo (Goellner, 1997, p. 5).

É este tipo de trabalho que Rousseau aborda no seu livro Emílio, como sendo o trabalho manual. Então, há outro aspecto, o mundo do trabalho, em que o indivíduo precisava ter um corpo disciplinado para poder aguentar este trabalho, que também, teve outro aspecto importante que é ligação com a revolução industrial, que viria em breve se consolidar[4].

> O corpo percebido como alvo de poder tornou-se objeto de um minucioso controle sobre seus movimentos, gestos, atitudes e comportamentos, cujos resultados foram consagrados, não apenas no aprofundar da sujeição e no aumento das habilidades, mas no estabelecer de uma relação onde se privilegiou a rapidez e eficácia. (Goellner, 1997, p. 5).

[4]O mundo de Rousseau é a Europa (notadamente Alemanha, França e Inglaterra). Esse território, à época, também era palco de reviravoltas, alterações radicais e profundas na sociedade, em sua estrutura política, econômica e social, representando um confronto entre uma ordem anterior e um novo projeto político-social. Temos a Revolução Industrial, a Revolução Francesa (1789), que Rousseau pressentiu e da qual, segundo alguns estudiosos, foi precursor. (Gomes, Simões, 2009, p. 251).

Segundo a autora acima citada há uma perda de liberdade do corpo, porque o sujeito precisava transformar seu corpo, para se tornar rápido e eficaz basicamente como uma máquina.

O conceito de corpo máquina pode ser percebido em Descartes em seu "Discurso do Método", autor esse em que Rousseau se inspirou.

No pensamento cartesiano o corpo tem uma função de máquina em seu funcionamento, isso aos olhos da alma/da razão porque, ela, a alma, é a substância que traz virtude ao corpo. A alma é perfeita, o corpo é imperfeito.

Observa-se o corpo máquina na narrativa de Rousseau em seu Emílio. Há similaridades e convergências. Goellner, 1997 explica que:

> Esta visão sustenta-se através da teoria maquinista do corpo, sob a qual repousa a medicina da época e que concepção do buscava explicações para a imperfeição humana. Esta imperfeição estaria não na alma - reguladora de todas as condutas - mas noutro lugar: no corpo. (Goellner, 1997, p.7 *Apud* Donzelot, 1986 p. 19-20).

> Rousseau, mesmo que contrário à intervenção médica na educação de Emílio recorreria só se estritamente necessário - busca também, de certa forma, essa 'economia do corpo', porque o associa mais à força que à liberdade; à dor que ao prazer. (Goellner, 1997, p. 9).

Rousseau aborda em seu livro V do Emílio essas similaridades e convergências, quando indica que o corpo social pode ser escravo da alma, o homem tem menos liberdade, mas, tem mais força. Para Rousseau o homem deve ter uma economia corporal, e, poder se desligar enquanto está em contato com a natureza, parar de ser um homem que só reproduzia e tornar a ser um homem livre.

Como esta também é a etapa da educação da "razão" para Emílio, Rousseau se preocupa ainda com o desenvolvimento dos sentidos. Ele trata disse no livro IV, porque, como homem, ele terá sentimentos como as paixões que deve controlar, para não ser escravo de seus sentimentos.

> No livro IV, Rousseau expõe Emílio também como um ser passional, uma vez que as paixões, ou seja, os desejos, as emoções ou os sentimentos, são elementos que fazem igualmente parte da condição humana, ao lado da razão. Desse modo, é preciso que se seja educado para se ter domínio sobre elas, uma vez que podem obscurecer e deturpar a razão de maneira a silenciá-la tão intensa e eficientemente que o indivíduo, uma vez à sua mercê, seja levado a pensar, a sentir e a agir muito mais passionalmente do que racionalmente, o que é extremamente danoso para ele. (Batista, 2006, p. 4).

Religião e Educação Emilio

No livro IV Rousseau também tratando da razão de Emílio, no seu desenvolvimento como homem, ele aborda a questão religiosa e moral. Enfoca um problema de religiões de sua época, com isso, ele defende uma religião natural. Segundo Batista, 2006:

> A qual se pode extrair uma moralidade também natural, que dispensa o fanatismo e o pertencimento a determinada instituição religiosa, visto que as diversas religiões ou igrejas disputavam entre si a hegemonia, mergulhando a sociedade e a política num oceano turbulento de conflitos intermináveis, promovendo perseguições, torturas e mortes. Para remediar tais mazelas, Rousseau propõe que seu Emílio seja um homem equilibrado no sentido de respeitar as convicções religiosas e morais das pessoas sem, entretanto, deixar-se levar pela cegueira do fanatismo que nada tem a oferecer à humanidade a não ser a guerra, a destruição, a morte e todos e quaisquer tipos de males que venham a assolar a humanidade (Batista, 2006, p. 5).

Este pensamento é que para transcender o homem precisava evoluir sua alma e moral. E para elevar a alma teria de evoluir a parte corpórea. Então, para evoluir a alma e a moral deveria ter uma Religião Natural.

Segundo Rousseau o homem era um ser sensível e para desenvolver esta sensibilidade que ele tratava na obra Emílio, era por meio do sentir, porque: “Existir para nós é sentir. Nossa sensibilidade é incontestavelmente anterior a nossa inteligência, e temos sentimentos antes de ideias”. (Rousseau, 1995, p. 330).

Ainda segundo Rousseau, a sensibilidade do homem são ideias mais isso, é somente quando ele passa a sentir de forma racional e não corpórea;

> Transformemos nossas sensações em ideias, mas não pulemos de repente dos objetos sensíveis aos objetos intelectuais. É pelos primeiros que devemos chegar aos outros. Que os sentidos sejam sempre os guias em nossas primeiras operações do espírito: nenhum outro livro senão o do mundo, nenhuma outra instrução senão os fatos. (Rousseau,1995, p. 175).

Aqui mais uma vez prova que o corpo está a serviço da razão, porque há uma concordância entre o sensível e o inteligível, entretanto o corpo está em segundo plano, por isso há um dualismo racional.

Enfim, o Emílio de Rousseau está sendo educado para ser homem, preparando o corpo e depois o intelecto, separados por fase, tempos e idade, sendo infância e adolescência. Na infância o corpo se apresenta como parte principal, e, na adolescência o intelecto se apresenta como parte principal, e,

depois, a educação moral e social. Observa-se que Rousseau utiliza do corpo para educar a criança, mas na idade adulta, o que será de mais importância e a mente a razão.

Conclusão

Estudamos a obra Emílio, do filósofo, educador, e romancista Genebrino Jean Jacques Rousseau com intenção de identificar qual a concepção de corpo e de homem.

Infere-se que a concepção de corpo em Rousseau é "dualista", em que há uma separação entre o inteligível/mente e o sensível/corpo. Ele foi influenciado pela filosofia racionalista de Descartes e pelos princípios educacionais do filósofo inglês John Locke.

Jean Jacques Rousseau apresenta uma concepção de corpo e de homem de acordo com o seu tempo, época em que vivia. Assim, como dividiu o humano, dividiu também a formação do homem, em sua obra aborda "o homem civil" e o "homem social" diferentemente um do outro.

Há que relembrar, que Rousseau era um homem culto. A educação do menino Emílio, foi inspirada nos princípios da educação grega, da Paideia. Então, Rousseau defendeu em sua obra Emílio a educação integral, do corpo e da alma. Para o corpo a Ginástica, e, para a razão, a educação musical. Porém, a sua defesa e narrativa, no decorrer da obra, foi se modificando. Mas, mesmo assim, percebeu-se as fragmentações, entre homem e cidadão, corpo e alma, natureza e cultura.

Referências

DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

GOELLNER; Silvana Vilodre; Jean Jacques Rousseau e a Educação do Corpo: Lecturas: Educação Física e Deportes. Ano 2, Nº 8. Buenos Aires. Diciembre 1997. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd8/silg8.htm. Acesso em: 3 Abr 2024.

GOMES, S. R.; SIMÕES, S. L. Rousseau e Marx – dois românticos do pensamento educacional?. Dialogia, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 249-257, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

MARQUES, José O. A. VOLOBUEF, Karin. BATISTA, Gustavo Araújo. Anais do II Colóquio Rousseau - Origens. Emílio ou da Educação: as categorias axiológicas do pensamento educacional e pedagógico de Jean-Jacques Rousseau – Chaves para uma possível reflexão sobre a formação do professor. Campinas:IFCH-Unicamp, 2006, CD-ROM. ISBN 85-86572-23-3.

MELO, Victor Andrade de; Porque devemos estudar história da educação física/esportes nos cursos de graduação, Junho/1997, MOTRIZ -Volume 3, Número 1. Acesso em: Porque estudar historia_Victor Melo_art.pdf.

PAIVA, Wilson Alves de; O Emílio e a formação do cidadão do mundo moderno. Wilson Alves de Paiva – Trindade/ Go: CEODO, 2005. 144 p.

PEREIRA, Ana Maria. Fundamentos históricos e filosóficos: da ginástica ao nascimento da educação física. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021. (Apostila da Disciplina Teoria Geral da Ginástica). Disponível em: 2-Apostila Teoria Geral Ginástica_ Ana Maria Pereira_ 2021.pdf. Acesso em: Abril; 2024.

ROSA, Joseane; Homem Vitruviano, Educa Mais Brasil. 2019. Disponível em : Homem Vitruviano - Artes Enem | Educa Mais Brasil.

ROUSSEAU, Jean Jacques, Emílio ou da Educação; tradução de Sérgio Milliet, 3.Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ROUSSEAU; Jean Jacques; Discurso Sobre a Origem e Os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens; Discurso Sobre as Ciências e as Artes; (Os Pensadores, vol.II), tradução de Lourdes Santos Machado e Arbousse-Bastide, Nova Cultural, 1999.

VARGAS; Thiago, TRABALHO E ÓCIO NO EMÍLIO DE ROUSSEAU, 2016, Universidade de São Paulo (FFLCH – USP) em cotutela com a Université Paris, Cadernos de Ética e Filosofia Política | Número 29.